



JOÃO LUIS DE SOUZA

**NARRATIVA DA AQUISIÇÃO DE INGLÊS: INDÍCIOS DE
AUTONOMIA E ESTRATÉGIAS**

LAVRAS - MG 2019

JOÃO LUIS DE SOUZA

**NARRATIVA DA AQUISIÇÃO DE INGLÊS:
INDÍCIOS DE AUTONOMIA**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado à
Universidade Federal de
Lavras, como parte das
exigências do Curso de
Letras Português/Língua
inglesa e suas Literaturas,
para a obtenção do título
de Licenciatura.

Profa. Dra. Tania Regina de S.
Romero Orientadora

**LAVRAS -
MG 2017**

JOÃO LUIS DE SOUZA

**NARRATIVA DA AQUISIÇÃO DE INGLÊS:
INDÍCIOS DE AUTONOMIA**

**NARRATIVE OF ACQUISITION OF ENGLISH:
INDICATIONS OF AUTONOMY**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado à
Universidade Federal de
Lavras, como parte das
exigências do Curso de
Letras Português/Língua
inglesa e suas Literaturas,
para a obtenção do título
de Licenciatura.

Aprovada em:

Profa. Dra. Tania Regina de S.
Romero Orientadora

LAVRAS -

MG

2017

À João Batista de Souza(in memorian) e Regina Aparecida de Souza. Dedico

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus por ser paciente comigo e permitir que eu chegasse até aqui, uma oportunidade única nesses tempos difíceis em que o país atravessa, e o que é melhor ainda, chegar a uma universidade de tamanha grandeza, qual é, a Universidade Federal de Lavras. *Pride to be UFLA.*

Agradeço à minha mãe Regina que esteve sempre do meu lado com suas preocupações incessantes e seus abraços de conforto e afago e coração enorme, assim como, o de minha “Mãe Maria Santíssima” por me olhar lá de cima, intercedendo e protegendo.

Agradeço à minha família, minha esposa Débora, os filhos Bryan Anderson, John Andrew e Kimberly e minhas irmãs Valéria e Adriane, todos sempre comigo, apoiando e até mesmo sustentando.

Aos meus amigos Aldair Ferreira e Demerval, por fazerem parte de minha vida e trajetória no meu processo de aprendizagem, proporcionando materiais de estudo de língua inglesa.

À Universidade Federal de Lavras.

À profa Tania pelo carinho e paciência, incentivo em todos esses anos e aos demais professores: Helena, Norma, Márcio, Márcia Amorim, Andrea, Roberta, Rodrigo, Patrícia, Tufi, Maria Eugênia, Isabel, Mauricéia, Marco Villarta, Raquel, Márcia, José Humberto, Paulo, Josiane, Walter, Dalva lobo que contribuíram muito para minha formação acadêmica.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que me possibilitou participar do Projeto PIBID. em especial aos professores Tânia Romero, Maria Eugênia, coordenadoras do projeto.

Aos meus colegas de classe João Hess e Carla Rodrigues pela força nas horas difíceis e a todos de maneira geral que contribuíram com meu crescimento e formação acadêmica: Rafael, Sabrina, Moisés, Ana Carolina, Erica, Welisson, Alvani, Cícero, Amanda N., Amanda R, Vinícius, Flávia, Heron, Willon, Ariane, Vivian, José Marcio, Aroldo, Mariana, etc.

RESUMO

Este trabalho de cunho qualitativo, visa, por meio de uma autobiografia, compreender meu processo de aprendizagem de inglês, especificamente, os indícios de autonomia e estratégias de aprendizagem mais frequentes utilizados segundo relato escrito. Entende-se que essa compreensão do processo possa auxiliar minha prática docente futura.

Tomo como base os estudos e obras de Nóvoa (1995a, 1995b), Romero (2010) para descrever o papel da autobiografia e da identidade do docente de línguas na formação de professores, bem como Paiva (2004), para as análises de autonomia de aprendizagem do docente de inglês em formação.

Os resultados obtidos, demonstraram que o processo autônomo de aquisição do inglês foi determinante, possibilitando a utilização de estratégias que culminaram a aprendizagem. Observou-se que foram utilizadas estratégias cognitivas, afetivas, metacognitivas, sociais e de memória e em certas situações, uma mescla delas em uma só frase e ou parágrafo legitimando a importância da autonomia no meu processo de aprendizagem de língua inglesa.

Palavras chave: Autobiografia, Identidade docente, Autonomia.

ABSTRACT

This qualitative work aims, through an autobiography, to understand my English learning process, specifically, the most frequent signs of autonomy and learning strategies used according to written report. It is understood that this understanding of the process may help my future teaching practice.

I use the studies and works of Nóvoa (1995a, 1995b), Romero (2010) to describe the role of autobiography in teacher education, as well as Paiva (2004), for the analysis of learning autonomy and the identity of the English teacher in formation.

The results demonstrated that the autonomous process of English acquisition was decisive, allowing the use of strategies that culminated in

learning. It was observed that cognitive, affective, metacognitive, social and memory strategies were used and in certain situations, a mixture of them in a single sentence or paragraph legitimizing the importance of autonomy in my process of learning the English language.

Keywords: Autobiography, Teaching identity, Autonomy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
1.1. IDENTIDADE DOCENTE.....	10
1.2. AUTOBIOGRAFIAS.....	12
1.3. AUTONOMIA EM APRENDIZAGEM DE LINGUAS.....	13
1.4. ESTRATÉGIAS DE APRENDIZADO DE LINGUAS	14
1.4.1. ESTRATÈGIAS DIRETAS.....	15
1.4.2. ESTRATÈGIAS INDIRETAS.....	15
2. METODOLOGIA.....	15
3. DISCUSÃO DE DADOS.....	16
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	20
6. ANEXO: Autobiografia.....	23

Introdução

Esse trabalho, vinculado ao Projeto IDOLIN (Identidade do Docente de Línguas), tem como objetivo analisar meu processo de aprendizagem na aquisição do inglês, ao longo de minha infância e juventude até o meu ingresso na universidade no curso de Letras da UFLA (Universidade Federal de Lavras). O IDOLIN tem como objetivo discutir e refletir sobre o processo de construção da identidade do docente de línguas maternas e adicionais. Sendo assim, tematiza as experiências pessoais vividas por professores em formação inicial e continuada; nesse sentido, visa a entender o processo de constituição do docente sob uma perspectiva sócio-histórica vygotskiana.

Para que o leitor possa se inteirar do lugar social de onde me coloco, é relevante adiantar algumas informações sobre mim mesmo. Após a conclusão do ensino médio, na época, o científico, quando, já casado, com filhos, trabalhando como metalúrgico, morando de aluguel, aos cinquenta anos de idade, pude realizar meu sonho de finalmente ingressar no curso de Letras para me tornar professor.

As sistematizações da língua inglesa, então, começaram a fazer sentido para mim com as aulas que tinha no curso de Letras. Para a conclusão do meu curso, e, por ter também, passado por experiência docente em escolas públicas da região, tomo como objetivo de pesquisa a investigação do meu processo de aprendizagem do inglês, que se deu empiricamente em função do meu gosto, amor e fascínio por músicas estrangeiras que me acompanham desde a infância.

Para tanto, investigo neste trabalho indícios de motivação e autonomia, porque acredito terem sido esses fatores importantes no meu processo de aprendizagem e porque fizeram parte também de minha formação, ainda inacabada, da minha identidade docente.

As perguntas de pesquisa que orientam esse estudo são: a) Quais os indícios de autonomia evidenciados na autobiografia. b) quais as estratégias de aprendizado de inglês que usei com maior frequência. c) Como essa experiência pode auxiliar a prática docente.

Este estudo, além desta introdução, está estruturado em três partes. Na primeira parte está a fundamentação teórica, em que são tratadas: a) as questões de identidade docente segundo Nóvoa (2013) e o papel das narrativas autobiográficas na formação docente com base em Nóvoa (2013), Romero Vieira

(2018) e b) o conceito de autonomia, pontuando especialmente estratégias de aprendizagem, Paiva (2004). A seguir, explico a metodologia para a análise de pesquisa que é de cunho qualitativo, uma vez que se apoia em narrativa autobiográfica. Na sequência, discuto recortes pertinentes de minha autobiografia para responder as perguntas de pesquisa. Termino tecendo considerações sobre o estudo e seus efeitos para minha atuação docente.

1. Fundamentação Teórica

Neste item, trato das diretrizes para os estudos e desenvolvimento da pesquisa, explicitando conceitos e teorias, especificamente quanto aos itens: identidade docente, autobiografias e autonomia na aprendizagem de línguas.

1.1. Identidade Docente

Para iniciar essa discussão, é importante buscar o conceito de identidade para compreendermos a sua caracterização e seu papel na formação docente. Para tal, considerei alguns autores: Silva (2009), Bauman (2005), Hall (2005), que discutiram sobre identidade e especificamente sobre identidade docente, Nóvoa (1992). Embora se tratando de minha própria pessoa e de meu processo de aprendizagem, até então, não me dava conta do quão desafiante é relatar o meu processo de construção identitário em formação que fez parte de um todo social e parte de um processo evolutivo de aprendizagem, de construção da identidade, que tem impacto direto e indireto em outras identidades em formação no grupo social. Percebi a importância da reflexão de professores nesse contexto evolutivo.

Lembrar o passado, significa a possibilidade de melhorias, acertos, amadurecimento de ideias. Aprender uma segunda língua, como vimos, significa querer fazer, aprender como fazer, ter obstinação, motivação e determinação, uma vez que estamos sujeitos à desmotivação dentre outras adversidades nesse caminho, a dar o contra para com nossos sonhos e objetivos.

Esse novo olhar dessas últimas décadas sobre narrativas autobiográficas, suas pesquisas, envolvendo projetos como o IDOLIN, autores pesquisadores como Romero e Nóvoa me fizeram, ademais, compreender a quebra de

paradigmas acerca do modo como se lidou com a questão da identidade e sua construção. As novas perspectivas valorizam, tanto o docente quanto o aprendiz de língua estrangeira.

Primeiramente, Silva (2009), salienta a complexidade do conceito de identidade, uma vez que se trata de uma tarefa multidisciplinar. Para o autor, deve-se estar atento para as diferenças, uma vez que a pessoa geralmente se identifica pelo que é (brasileiro, negro, heterossexual, homem), remetendo ao que não é. Nesse enfoque, a questão social é crucial, conforme explica:

A identidade e a diferença têm de ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2009, p. 76).

Outro olhar é dado pelo sociólogo Bauman (2005, P. 54), pautando-se em suas experiências morando em outros países. Ele traz uma metáfora, comparando a formação da identidade com um jogo de quebra-cabeças incompleto, “ao qual falem muitas peças (e jamais se saberá quantas)”. Assim, diferentemente do quebra-cabeça, na identidade em construção não há uma figura pronta, acabada a se chegar.

Outro conceito de identidade é sugerido pelo sociólogo Hall (2006) que problematiza a crise de identidade pós-moderna e define três concepções: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. No primeiro caso, com o sujeito do Iluminismo, tem-se uma identidade eurocentrista, prevalecendo a razão, a consciência e a ação. A identidade era entendida como fixa, interior. O segundo é o sujeito sociológico, concebido como influenciado pela sociedade em que se insere, e continua a ter uma essência identitária. E o terceiro, o sujeito pós moderno tem uma identidade em constante mutação, por isso dita dinâmica e múltipla, pois que se molda ao contexto ou pessoas com quem interage em dada situação.

Especificamente no que tange à identidade docente, Nóvoa (1992) traz a premissa que o professor e a pessoa são indissociáveis. Portanto, para que se entenda o professor, é preciso que se conheça e se reflita sobre a pessoa e seu processo, já que as experiências pessoais são relevantes para a formação profissional.

Nóvoa (1992) destaca que o processo identitário docente pode ser resumido por três ‘As’ (AAA): A de adesão a princípios e valores, adoção de projetos, investimento positivo nas potencialidades das crianças e jovens; A de ação, escolhas das melhores maneiras de agir, tanto nas decisões no foro profissional quanto pessoal, importante ressaltar, à sua própria maneira; e por último o A da autoconsciência, para que, em última análise, prevaleça a reflexão sobre a própria ação. Então, entende-se que, identidade não se adquire, não é própria de nós, muito menos produto de um indivíduo. Se constrói com os problemas, obstáculos, alegrias do cotidiano e do contexto social em que vivemos, por ser a identidade o espaço em que construímos nossa maneira de ser e agir na sociedade. Nesse viés, Nóvoa (1988), assim como Romero (2010), recomendam trabalhar com narrativas autobiográficas porque:

as histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida. Nóvoa e Finger (1988, p. 116),

1.2. Autobiografias

A narrativa autobiográfica tem sido largamente contemplada nas últimas décadas. Tem sido altamente valorizada nos estudos voltados para a formação de professores, com a colaboração de vários nomes tais como Nóvoa (1992) e Barcelos(2006).

Das várias interpretações relacionadas com o conceito de autobiografia, destaco primeiramente o de que o explica Uyeno(2010):

Se, entretanto, “escrever” e “inscrever” constituem os sentidos etimológicos do verbo grego gráphó, cuja nominalização graphé,ês (significando “escrita, convenção, documento ou descrição”), associou-se ao vocábulo grego bios (significando “vida”), para a formação da palavra biografia, autobiografia, que significa “relato da vida própria”, carrega duplamente o si que escreve: o si de “inscrever” a vida e o si mesmo de auto. Uyeno (2010, p. 334)

Segundo Barcelos(2006), autobiografias são relatos das experiências; neste trabalho, minhas experiências, vividas ao longo de meu processo de aquisição da língua que escolhi: o inglês. De acordo com Paiva (2004), no que tange a pesquisa narrativa, a experiência é o ponto principal. Portanto, enfoco meu processo e ações tomadas para que eu aprendesse inglês. Procuro entender meu caso específico para

que ele me indique caminhos como docente.

Segundo os autores supracitados, a narrativa é um elemento fundamental e um método para coleta e captura das experiências humanas e também de aprendizagem por meio de reflexão. Por esse motivo, tem papel importante na formação docente e na compreensão da identidade em construção do professor.

As preocupações com a formação de professores, ganharam ênfase após a quebra dos paradigmas nas análises anteriores à década de oitenta, quando, não se levava em conta a questão biográfica e seu caráter subjetivo, nem o meio em que esses professores vivem, como pensam, como entendem seu ofício e a disciplina que lecionam. Salienta-se que, afinal, o professor, antes de tudo, é uma pessoa, daí o caráter subjetivo nas produções narrativas autobiográficas, considerando seu caráter social, cultural e político e todo esse conjunto de acontecimentos, ações que estão intrinsecamente ligados ao processo de formação da identidade docente.

Pode-se dizer que a autobiografia faz a mediação entre as ações de um povo e sua estrutura, já que representa, por meio de histórias individuais, o meio social. Souza (2010) acrescenta que a (auto)biografia na formação de professores quebra o paradigma que se tinha antes em vigor, não somente o paradigma, mas também os moldes de cunho Iluminista. O autor acentua que esse enfoque tem um caráter de legitimar a subjetividade nesse processo de construção do saber e também a intersubjetividade como condição ao modo interpretativo que venha fomentar o processo da construção de sentido e também da identidade docente.

1.3. Autonomia em aprendizagem de línguas

Nesse item, enfoca-se como se dá o processo autônomo no campo de aprendizagem de línguas, a partir do olhar de alguns pesquisadores. A autonomia é vista como ponto articulador e renovador na evolução do desempenho, formação, tanto dos alunos quanto de professores.

Paiva(2006), afirma que aprendizes autônomos são os únicos,

“... Que aceitam a ideia de que seus próprios esforços são cruciais para progredir no aprendizado, e se comportar de acordo ... Os alunos responsáveis estão dispostos a cooperar com o professor e com outros grupos de aprendizagem para o benefício de todos.” Paiva(2006)

Especificamente no que tange o processo de aprendizagem de línguas adicionais, autonomia implica diretamente na capacidade de escolha individual do estudante de línguas, ou seja, segundo Aoki (2002: 111), a “...autonomia do aluno é a capacidade, liberdade e / ou responsabilidade de fazer escolhas sobre o próprio aprendizado...”

Paiva (2006) salienta ainda que a autonomia no aprendizado de línguas é um processo de muita complexidade. Para a autora, há que se considerar as restrições em que o indivíduo se encontra, que só o meio não é o bastante, mas também a sua internalidade, as restrições que afetam seu autocontrole, seu processo de aprendizado. Por causa dessa complexidade, envolve, habilidades, capacidades, vontade, tomadas de decisão. A autora destaca também que autonomia é uma capacidade multidimensional, pois indivíduos são diferentes com características ímpares, assim, o que implica contextos diferentes e momentos diferentes no desenvolvimento dessa autonomia. Além disso, não se pode deixar de considerar que a autonomia é desenvolvida no e depende do contexto social em que o indivíduo está inserido.

Por fim, Magno e Silva (2004) afirmam que o papel do professor nesse processo é fundamental, pois, está intrinsecamente ligado às conquistas, obtenção dos resultados que os alunos objetivam.

1.4. Estratégias de Aprendizagem de Línguas

As estratégias de aprendizado de línguas estão diretamente ligadas e compõem o desenvolvimento do processo de autonomia. Elas podem ser inúmeras, porém, Paiva (1998), argumenta que cada aluno desenvolve suas próprias estratégias. Para definir as estratégias de aprendizagem e uso da língua estrangeira, a autora se apoiou em Cohen *et ali* (1996) que ressaltam que o aprendiz se utiliza de pensamentos próprios de maneira a facilitar, melhorar suas formas de aprendizado, usando de ferramentas que ele, entende serem mais adequadas para si nesse processo. As estratégias são escolhidas então, pelo aprendiz. Para descrever as estratégias, a autora discute as divisões elaboradas por O'Malley e Chamot (1987) e Oxford (1989); o primeiro dividiu em três grupos: Estratégias Metacognitivas, cognitivas e sócio/afetivas; a segunda, dividiu em dois grandes grupos: o grupo das diretas e das indiretas.

1.4.1. Estratégias Diretas

A estratégia de **memória** é a que se refere à retenção de informação para serem lembradas quando necessário. As estratégias **cognitivas** são aquelas que o aprendiz compreende e passa a construir novos enunciados a partir da manipulação da L2 e da transformação da mesma. As estratégias de compensação são utilizadas quando o aprendiz necessita de ajuda para compensar suas limitações de aprendizado e conseguir ter maior desempenho em suas produções e aquisição da nova língua.

1.4.2. Estratégias Indiretas

As que fazem parte desse grupo são três. Uma estratégia **metacognitiva** é a usada quando o aprendiz traça planos, tem domínio de seus estudos e avalia sua aprendizagem. Nas estratégias **afetivas** o empenho está no controle dos sentimentos e emoções, ações. O aprendiz repensa valores e, mais ainda, foca na motivação. As estratégias **sociais** referem-se a interação e cooperação com outros.

2. Metodologia

Uma perspectiva metodológica para o ensino/aprendizado de língua estrangeira seria o, uma vez que, no bojo do paradigma da compreensão, legitima-se as histórias de vida através do método, da técnica como ferramenta de investigação/formação, como ressalta Souza (2007). Nesse sentido, justifica-se a proposta do método autobiográfico, defendido por Nóvoa (1992), para avançarmos nas discussões e ações para novas perspectivas metodológicas para além dos padrões convencionais.

Por ser este um trabalho elaborado com base em autobiografia para compreensão de meu processo de aprendizagem de inglês, esta pesquisa seguiu o caráter qualitativo. Nesse sentido, Martins (2004) ressalta que a pesquisa qualitativa consiste na coleta ou geração de dados que são representativos de microprocessos do meio social. Faz-se, então, as análises desses dados, que são as ações sociais, tanto de indivíduos, quanto de grupos, considerando seu caráter

heterodoxo e também sua flexibilidade. Há que se considerar que é um trabalho intensivo, tanto na sua profundidade, quanto na sua amplitude, explica a autora.

Neste contexto, as narrativas autobiográficas são esses microprocessos, de onde se extraiu os dados aqui analisados, entendidos como as marcas do sujeito social, enfocando, no meu caso, o processo de aprendizagem de língua inglesa. Assim, na autobiografia que elaborei, busquei identificar os indícios de autonomia, segundo a categorização elaborada por Oxford (1989) e ratificadas por Magno e Silva (2004) e Paiva (2008).

3. Discussão dos dados

Considerando os dados de minha autobiografia, as respostas às perguntas de pesquisa são as seguintes:

a) Quais os indícios de autonomia evidenciados na autobiografia?

A autonomia refere-se a iniciativa própria em busca de minha aprendizagem de inglês, conforme conceitua Aoki, citado por Paiva (2006). Na autobiografia, o trechos pertinentes são:

Ele [meu primo que foi morar em minha casa] se trancava no quarto para estudar; eu não sabia qual curso fazia, só me lembro que ele tinha um gravador e ouvia umas fitas K7's. Era um curso de inglês. Ele foi embora mas deixou os livros, mais ou menos uns dez e as fitas e nunca mais voltou pra busca-los. Não estava completo mas, já era o começo.

[eu e/ou minha esposa] (...) só gravava as aulas de inglês, cujo apresentador era Sidnei, do curso de inglês MAD, se não me engano, que se tratava do ensino da gramática, dicas para o vestibular e tradução de textos atuais da época. A Tv cultura era meu canal predileto, e um dia liguei a tv na parte da manhã, deparei-me com um programa diferente de ensino de inglês, Family Album USA. Fiquei encantado e passei a assistir e gravá-lo.

(...) ao passar em uma banca de revista, deparei-me com um

curso de inglês, o qual estava em nova versão do que eu conhecia, Curso de Idiomas Globo, entretanto, era o último volume de uma série de dezoito livros e naquele instante eu pensei, como perdi a oportunidade de adquirir aquela maravilha, logo agora que eu podia comprar.

E decidi comprar a edição de número dezoito, olhei o endereço e por telefone pedia os números atrasados e assim o fiz.

Pedia as vezes dois a três livros de uma vez. Fazia o depósito e a editora me enviava pelo correio. Até que chegasse o meu primeiro pedido, fui estudando o exemplar dezoito. Chegava no trabalho as seis da manhã por causa dos pães e assim que chegava já ligava o aparelho de som e punha a fita para tocar. Enquanto ia fazendo as vendas, a limpeza do bar ia ouvindo e com isso, decorei a aquela edição ao ficar quase um mês até que chegasse minha primeira encomenda, muito bem embalada que abri com todo o cuidado.

(...) tenho várias edições da revista Speack Up, o curso de inglês Larrousse, nossa, estudei pra caramba e eu vou trazer para você. E trouxe. Daí por diante passamos a ser grandes amigos e a trocar idéias em inglês. Demerval é um nome expressivo da minha jornada na busca de aprender inglês. Só para se ter uma ideia, quando o Larrousse saiu na versão digital, cd, ele comprava as edições, tirava o cd e me dava a revista com o K7, ou seja, ele comprou o curso novamente. Era muita informação, pensava. E lia, relia e tornava a ler.

Então, além das revistas, dos cursos, eu adentrava, comia o dicionário (...)

- b) Quais as estratégias de aprendizado de inglês que usei com maior frequência?
Agora passo a identificar as estratégias que usei no processo de minha aquisição

de língua inglesa com base nas estratégias citadas acima. Assim, excertos extraídos de minha biografia são interpretados.

Início pela estratégia de **memória**. Uma das estratégias que usei foi decorar as palavras e sinônimos usando o dicionário e também as letras das músicas, como se vê em:

... embaixo do chuveiro imitando as vozes dos vocalistas, dos sons das guitarras, decorava as letras”; “E passei também a decorar o vocabulário e antecipar as leituras e quando chegava em sala de aula, a professora fazia as tradicionais perguntas...

Além de estratégias de memória, eu utilizei também a metacognitiva: *Além de prestar atenção, fazia os deveres*. Estar no controle de minha aprendizagem, possibilitou-me, através de reflexões e auto avaliação, que são características metacognitivas, segundo Oxford (1989), buscar por melhorias, alternativas de aprendizagem. A exemplo desta busca foi a alternativa para compensar alguns déficit como a estratégia de compensação:

Na busca dos sinônimos das palavras, porque eu pensava que, se eu ampliasse meu vocabulário seria mais fácil numa possível conversação, caso esquecesse de alguma palavra, teria outra como substituta.

Como estratégia afetiva, resalto que embora houvesse, no início, momentos em que me sentia frustrado, decepcionado, a insistência por essa busca foi, simplesmente, eu gostar demasiado pela música e pela língua inglesa que são meu fascínio. Nesse que destaco adiante, percebe-se o caráter afetivo combinado ao metacognitivo:

Embora todas as expectativas e ansiedades para aprender inglês, meu primeiro contato, meu primeiro ano no colégio, em inglês foi uma decepção. Confesso que eu próprio não acreditava e não conseguia entender.”; “A Tv cultura era meu canal predileto, e um dia liguei a tv na parte da manhã, deparei-me com um programa diferente de ensino de inglês, Family Album USA. Fiquei encantado e passei a assistir e gravá-lo.

Entendendo estratégias sociais, baseado em Paiva (2004) e Oxford (1989),

como o momento em que interagimos com os outros e damos nossa contribuição reciprocamente. O momento em que isso acontece, mencionado em minha autobiografia, é quando eu ensinava algumas palavras para o meu companheiro de rádio amador, em que trocávamos nossos conhecimentos e aprendizagem, conversando. Nessas ocasiões, participávamos não só nós dois, mas também todos os funcionários da empresas e empreiteiras sintonizadas na mesma frequência:

E esse colega me pedira certa vez para que eu o ensinasse inglês, então eu utilizava o rádio para ensinar as frases necessárias para nossa comunicação. Por exemplo: “fala Johnny, qual foi o último”, e eu replicava “what’s the last?” e continuava, “the last one was the red Gol (car)”, o último foi o gol vermelho.

Naturalmente, desenvolver esse estudo me faz fazer uma relação direta com a prática docente. Então, passo à terceira pergunta de pesquisa.

c) Como essa experiência pode auxiliar a prática docente?

Percebi que o uso de estratégias foi crucial em meu processo de aprendizagem da língua inglesa, pois, quando o aprendiz se depara com situações de dificuldades, ele precisa desenvolver autonomia e lançar mão das estratégias.

Na prática docente, é de suma importância que o professor esteja atento, observando e orientando cada aluno para poder, então, auxiliar seu aluno a desenvolver um melhor desempenho, ensinar especificamente estratégias para ter autonomia para aquisição da nova língua.

4. Considerações finais

Em suma, esta pesquisa revelou grandes contribuições para minha atuação como professor de inglês por poder entender e me aprofundar nas características do processo de desenvolvimento de autonomia e uso de estratégias de aprendizagem.

Foi perfeitamente possível perceber a relevância de uma pesquisa, após conhecer os procedimentos de geração de dados, sua relevância para o ensino-aprendizagem. As referências teóricas me possibilitaram igualmente uma nova visão acerca das narrativas, do processo de evolução identitária da docência, principalmente, no que tange aqui, ao processo de aprendizagem de língua

estrangeira, o inglês.

Esse trabalho, portanto confirma que os estudos acadêmicos mencionados acima estão em consonância com uma nova forma de entender e explorar a autonomia do aluno, um dos aspectos importantíssimos para o processo de desenvolvimento da identidade. A narrativa dá significado às vozes presentes no meio social, nas experiências de vida. A identidade se expande.

Percebi, enfim, que o uso de estratégias foi crucial em meu processo de aprendizagem da língua inglesa, pois, quando o aprendiz se depara com situações de dificuldades, ele precisa desenvolver autonomia e lançar mão das estratégias.

Na prática docente, é de suma importância que o professor esteja atento a elas, observando e orientando cada aluno para poder, então, auxiliar seu aluno(a) a desenvolver um melhor desempenho, a ter autonomia para aquisição da nova língua.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, Ana M. F. Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês, *Linguagem & Ensino* (UCPel), v. 9, p. 145-175, 2006.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BUENO, Belmira O. *Autobiografias e formação de professoras: um estudo sobre representações de alunas de um curso de magistério*. São Paulo; 1996. Tese (Livre docência) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pósmodernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 103-133.

MAGNO E SILVA, Walkiria. 2004. Autonomia e saber exponencial no ensino e aprendizagem de línguas. In: VIII Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários. Belém. Program ... Belém: UFPA, p. 101-102.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa.** *Educ. Pesqui.* [online]. 2004, vol.30, n.2, pp.289-300. ISSN 1517-9702. <http://dx.doi.org/10.1590/S151797022004000200007>.

NÓVOA, António. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. dos Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 107-129.

O'MALLEY, J. Michel; CHAMOT, Anna Uhl. Learning strategies in second language acquisition. Cambridge: CUP, 1990.

OXFORD, R.L. **language learning strategies:** What Every Teacher Should Know. Boston: Heinle & Heinle, 1990.

_____. Os professores e as histórias da sua vida. In:_____(Org.) Vidas de professores. Porto: Porto Editora, 1992.

PAIVA, Vera L.M.O. Estratégias individuais de aprendizagem de língua inglesa. **Letras e Letras.** V. 14, n. 1, jan./jul. 1998. P. 73-88

PAIVA, Vera L.M. de O. 2006. Autonomia complexidade. *Linguagem e Ensino*, 9 (1): 77-127.

PAIVA, V.L.M.O. Ensino de vocabulário In: Dutra, D&P Mello, H. **A Gramática e o vocabulário no ensino de inglês:** novas perspectivas. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2004. (Estudos Lingüísticos; 7)

ROMERO, Tania R.S., Autobiografias na (re)construção de Identidades de professores de Línguas: O Olhar crítico-reflexivo, PONTES, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino, (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. < books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf> em março, 2010.

UYENO, Elzira Y, “Da autonarração à escrita acadêmica: a constituição da subjetividade do aluno de cursos de especialização”. In. CASTRO.

ANEXO: Autobiografia

Acredito que todos nós temos um sonho, que todos nós realizamos sonhos. Ainda que pequenos, fáceis de serem realizados e até os sonhos que parecem ser impossíveis, aí, depende do ponto de vista de quem ouve nossas histórias. Tive em toda a minha vida, por assim dizer, dentre os vários sonhos, dos quais, às vezes, nem se classificaria como sonhos, vontades, desejos talvez, dois sonhos que considero realmente serem os precursores, maiores impulsionadores para seguir com minha batalha de vida durante esses anos de minha existência que são a música e a vontade de falar inglês.

Ao longo de minha vida, vi tantas histórias de vida, histórias lindas, histórias tristes, histórias que nos inspiram, oriundas deste mundo de meu deus, que faz brilhar nossos olhos, as histórias de pessoas humildes, que não passam pelos olhos da sociedade, porém existem, estão aí, no mundo, no Brasil, em Minas Gerais, em lavras, a espera de uma oportunidade de contar suas histórias, de maneira humilde e bonita ao mesmo tempo. Contarei a minha, do menino pobre, filho de gente humilde, negro, mas com um sonho e vontade de falar inglês e de como foi, de como se desenvolveu, para eu chegar a uma universidade federal na busca de ser um professor de língua inglesa, pela Universidade federal de Lavras.

Como bem me lembro, eu tinha menos que seis anos, uns quatro a cinco talvez, nos mudamos para a casa de meu avô, éramos, meu pai, minha mãe e minha irmã, mais nova que eu, e só mais tarde, anos depois fui saber o porquê, minha avó estava doente e minha mãe contribuiria nos afazeres, pois, não tínhamos condições, uma vez que, meu avô e meu pai eram militares e o salário era péssimo. Meu avô era cabo e meu pai cabo e era músico da banda do 8º batalhão de polícia de Minas Gerais. Nascido no meio de músicos, tanto por parte de mãe, pois, meu avô e seus cinco irmãos tocavam instrumentos tais como, bandolim, violão, flauta, etc. e do lado da família de meu pai, simplesmente, são praticamente os fundadores da banda Euterpe Operária aqui na cidade de Lavras, embora há controvérsias sobre o assunto, deixemos de lado esta questão.

Meu pai ensaiava com amigos e as vezes só, na horta, em baixo dos pés de laranjeira. Essas lembranças me faz sentir o som do clarinete, posso ouvir até o uivo de nosso cachorro, Pantera, que toda vez que ouvia meu pai, uivava como se tivesse sentindo a música. Não tínhamos televisão, era coisa de rico, mas, meu avô tinha um rádio onde ouvia as notícias que eu as achava chatas demais...

futebol, o botafogo do meu avô e o flamengo do meu pai e meu, que sou flamengo exatamente por isso, e as músicas, os programas musicais, enfim, geralmente músicas nacionais, caipiras que já não era minha praia e as vezes tocava alguma coisa estranha, boa de se ouvir, só que não se entendia o que essas músicas queriam dizer. Eram em inglês. O som, o ritmo, o estilo que eu não sabia o que era, as vozes e a linguagem diferente, tudo me agradava.

O tempo foi passando, eu estudava na Escola Estadual Firmino costa, onde fiz o primário, até a quarta série, como se falava naquela época. Meu pai já havia falecido num acidente trágico, morte precoce no ano de 1970, mês ou dois antes da copa. Estava estudando no colégio Tiradentes da Polícia Militar. Queria passar para a banda de música da Marinha. O que restou dele foi saudades e uma gaveta de livros e partituras musicais que ficava em uma cômoda na copa conjugada com a sala. Eu e minhas irmãs, quando não podíamos sair de casa para brincar com os primos e amigos, ficávamos folheando os livros. Eu não era muito de ler. Gostava de ver as gravuras, as figuras, exceto um que eu era louco para ler mas não podia. Esse livro eu fazia questão de ver, tentava decifrar seu conteúdo, mas, não era possível. Tinha um soldado na capa com capacete diferente de nossos soldados aqui, tinha um castelo com um relógio, tinha uns bondes e dentro desse livro as gravuras eram desenhos, de árvores, pássaros, crianças, de jogo de futebol e do lado dos desenhos frases curtas e era isso que eu queria saber. Hoje buscando na internet achei o tal livro que era usado na maioria das escolas brasileiras da época: Spoken English.

No começo da década de setenta, meados da mesma, eu e meus primos nos reuníamos na casa de minha tia Madalena, melhor dizendo, no barraco. Lá nós ouvíamos discos, os famosos “vinil”, que meu primo mais velho, José Maria o “Zulú”, que a uns anos atrás Deus também o levou, considerava-o como irmão, comprava com seu salário de baterista, cuja profissão aprendera com meu pai. Esses discos eram, nada mais nada menos que, discos de rock and roll, Led Zeppelin, Black Sabbath, Jimmy Hendrix, Emerson Lake and Palmmer, Yes, Deep Purple, Janes Joplin dentre muitos. Eram as melhores horas de minha vida e com isso eu passava horas ouvindo e namorando as capas dos discos, tentando ler, saber o que dizia. *Quando ia tomar banho eu simplesmente ficava uma, isso mesmo, uma hora embaixo do chuveiro imitando as vozes dos vocalistas, dos sons das guitarras, decorava tim tim por tim tim para melhorar meu inglês, exceto as*

letras que tinham que ser mesmo na embromação mas, com um álibi, que vou lhes contar mais além.

Nesse momento eu já estava no quarto ano primário e deveria ir para a quinta série, no colégio Tiradentes, e não via a hora de iniciar, pois, na quinta série tinha a matéria(disciplina), era assim que falávamos Inglês. Foi quando, no final do ano, minha professora, D^a. Ireni, chamou minha mãe e de meu colega Marco Antônio para uma reunião e disse que nós havíamos passado de ano, porém, que estávamos muito fracos e não aguentaríamos acompanhar os outros colegas no colégio. A mãe de Marco tinha poder aquisitivo confortável para sustentar a situação, a professora concordou e ele foi estudar no Instituto Gammon, particular, e eu, repeti o ano sem ter tomado bomba.

A quarta série pela segunda vez foi tranquilo e finalmente, quinta série, fui para o Tiradentes. Nossa situação, como já dissera, não era nada fácil. Minha mãe trabalhava fora, como doméstica, às vezes com costura, fazia também bolos e salgados para festas, uma guerreira a senhora dona Regina, e eu também, sempre desde os sete anos de idade já trabalhava vendendo broas que minha mãe fazia, batia de porta em porta a vender as broas e quando não, estava a encher saquinhos de terra para o plantio de mudas de café. Quando entrei para o colégio, eu trabalhava na guarda mirim pela prefeitura e com isso, quem pagava os livros, que no colégio Tiradentes até hoje os livros não são gratuitos, era eu e quando recebi a lista, o livro que fiz questão de comprar primeiro foi justamente o de inglês, do Bob, figura principal, cujo título não me lembro.

Embora todas as expectativas e ansiedades para aprender inglês, meu primeiro contato, meu primeiro ano no colégio, em inglês foi uma decepção. Confesso que eu próprio não acreditava e não conseguia entender. Quase não passei na recuperação, me lembro. Não satisfeito comigo mesmo, quando fui para a sexta série, mudei de estratégia porque eu não iria desistir de forma alguma do meu objetivo. Um detalhe é que eu ficava olhando as capas dos livros das séries seguintes, sexta, sétima, enfim, até do científico e imaginando que ao chegar ao final, eu estaria craque no inglês. Agora vou lhes contar como é que fiz para resolver o meu problema com o inglês.

Na sexta série, passei a prestar mais atenção, já que sabia que o problema era comigo e não com a professora, que, por sinal, de todas as professoras que tive no colégio, foi a que primeiro tive contato, professora Georgete Mattos, que Deus

a tenha. Me lembro perfeitamente das correções de pronúncia: não é “guel” e sim “girl”, não é “tink”, mas “think”, pondo a língua entre os dentes. Além de prestar atenção, fazia os deveres, que quase sempre não fazia porque, além de trabalhar, meu tempo livre eu queria era jogar bola, soltar papagaio, jogar bolinha de gude, caçar passarinho e todas as peripécias de criança. *E passei também a decorar o vocabulário e antecipar as leituras e quando chegava em sala de aula, a professora fazia as tradicionais perguntas: quem é que sabe o significado disso, daquilo outro, e o João Luis respondia no ato sem dar chance para os outros responderem. E assim foi em toda minha passagem no colégio, mas só que, por muitas vezes, quando a professora fazia as tradicionais perguntas, ela já antecipava, exceto João Luis.*

E fui melhorando, melhorando, a nível de colégio, fiz coisa errada, coisa do tipo que, hoje eu não faria. O ano era dividido em quatro trimestres, cem pontos eram distribuídos e tínhamos que obter o mínimo de cinquenta pontos para passar direto e no terceiro bimestre eu já estava com, geralmente, cinquenta e cinco, sete ou sessenta e como a maioria dos colegas passavam dificuldades, pediam para que eu fizesse as provas finais para eles, um assinando o nome do outro. Geralmente ficava de trinta e cinco a quarenta para o trimestre final. O colega tirava o total ou quase isto e eu as vezes quase zero e a professora dizia: mas João Luis! O que foi que aconteceu com você? E era assim no tempo do colegial.

E tudo isso acontecendo mas, eu ainda não sabia inglês. Fui trabalhar em um loja de discos, a Kinsom discos e fitas, como gravador de fitas cassetes. Da gravação passei a vendedor e como eu era um bom vendedor, passei a bater recordes de vendas. O inglês me ajudou bastante, pois, entendia e podia escrever os nomes de cantores e bandas, então, meu patrão me pedia para fazer a lista de compras e eu também anotava as encomendas. Nessa época as letras das músicas que antigamente eu nem sonhava o que significavam, agora, alguma coisa já entendia. Alguma palavra ou frase das letras das músicas, os sons dessas palavras já me eram familiar e pensava comigo: que legal, era isso mesmo que eu estava ouvindo!

Minhas investidas no aprendizado da língua inglesa continuaram. Certa vez, um primo que morava na cidade vizinha, Itumirim, veio morar conosco, pois, estava estudando e para aliviar os gastos com transporte ficou até se ajeitar. Ele se trancava no quarto para estudar, eu não sabia qual curso fazia, só me lembro que

ele tinha um gravador e ouvia umas fitas K7's. Era um curso de inglês. Ele foi embora mas deixou os livros, mais ou menos uns dez e as fitas e nunca mais voltou pra busca-los. Não estava completo mas, já era o começo. Presumo ser o primeiro curso de inglês da editora globo, Curso de idiomas globo, de capa azul. Eu tinha conhecimento destes cursos e sempre que anunciava na Tv, eu ficava louco de vontade de possuí-los, mas, nunca coincidia de eu poder adquirir algum se quer.

O tempo foi passando, pensei em fazer vestibular na FAFI aqui em Lavras, hoje, Unilavras. A faculdade particular estava fora do meu alcance e mesmo sabendo das minhas reais impossibilidades, me debrucei nos estudos. Estudava para concursos públicos, para o vestibular. Encontrei na Tv Cultura o programa Alô Vestibulando e nesta época eu trabalhava na Cofap e revezava turnos, manhã e tarde e como o programa era a tarde, quando estava trabalhando no mesmo horário eu pedia minha esposa para gravar, mas só gravava as aulas de inglês, cujo apresentador era Sidnei, do curso de inglês MAD, se não me engano, que se tratava do ensino da gramática, dicas para o vestibular e tradução de textos atuais da época. *A Tv cultura era meu canal predileto, e um dia liguei a tv na parte da manhã, deparei-me com um programa diferente de ensino de inglês, Family Album USA. Fiquei encantado e passei a assistir e gravá-lo.* Foi de grande contribuição, porém, eu não conseguia acompanhar completamente até que, um belo dia saí para fazer um depósito no banco numa segunda-feira, como era praxe e ao passar em uma banca de revista, deparei-me com um curso de inglês, o qual estava em nova versão do que eu conhecia, Curso de Idiomas Globo, entretanto, era o último volume de uma série de dezoito livros e naquele instante eu pensei, como perdi a oportunidade de adquirir aquela maravilha, logo agora que eu podia comprar, pois, era dono do meu próprio negócio, um mix de bar e mercearia que comprei quando saí da Cofap, pensando em fazer a faculdade de letras, achando que iria dar conta de associar as duas coisas, mas, pagando dois aluguéis, luz etc. não havia como. E decidi comprar a edição de número dezoito, olhei o endereço e por telefone pedia os números atrasados e assim o fiz.

Pedia as vezes dois a três livros de uma vez. Fazia o depósito e a editora me enviava pelo correio. Até que chegasse o meu primeiro pedido, fui estudando o exemplar dezoito. Chegava no trabalho as seis da manhã por causa dos pães e assim que chegava já ligava o aparelho de som e punha a fita para tocar. Enquanto

ia fazendo as vendas, a limpeza do bar ia ouvindo e com isso, decorei a aquela edição ao ficar quase um mês até que chegasse minha primeira encomenda, muito bem embalada que abri com todo o cuidado.

No início, o primeiro volume era muito fácil, porém o fiz da mesma forma que o dezoito, apenas foi mais rápido. Pensei: vai ser palavra por palavra, farei todos os exercícios, todas as leituras e assim o fiz. Nesse intervalo, o carteiro que fazia meu bairro era irmão de um grande amigo meu, parou para tomar um refrigerante. Seu nome Demerval, o Dé. Ele, enquanto sentado à mesa e descansando e ouvindo o que eu estava ouvindo, me disse: eu fiz esse curso, é muito bom e eu tenho não só esse, tenho uns contos, estórias contadas em inglês, como por exemplo Sherlock Holmes e outros, tenho várias edições da revista Speack Up, o curso de inglês Larrousse, nossa, estudei pra caramba e eu vou trazer para você. E trouxe. Daí por diante passamos a ser grandes amigos e a trocar idéias em inglês. Demerval é um nome expressivo da minha jornada na busca de aprender inglês. Só para se ter uma ideia, quando o Larrousse saiu na versão digital, cd, ele comprava as edições, tirava o cd e me dava a revista com o K7, ou seja, ele comprou o curso novamente.

Era muita informação, pensava. E lia, relia e tornava a ler. Dé, um dia, chegou pra mim e disse: vou te dar um presente. Um dicionário. Landmark. Na busca dos sinônimos das palavras, porque eu pensava que, se eu ampliasse meu vocabulário, seria mais fácil numa possível conversação, caso esquecesse de alguma palavra, teria outra como substituta. Então, além das revistas, dos cursos, eu adentrava, comia o dicionário, tanto que, quando em uma ocasião ele, Dé, me pedira o dicionário para uma consulta, fiquei com vergonha, pois, estava sujo, de tanto folhear com mãos sujas e ele disse, isso é sinal que você está fazendo bom proveito dele. Isso foi quando trabalhava na Camargo e eu levava para ler no emprego quando eu ficava no trânsito com o rádio para anunciar os veículos que trafegavam na via e como essa via era estreita, ou só subiam e ou só desciam veículos, então marcávamos o último e anunciávamos pelo rádio. A via era de terra e a poeira era intensa. Eu ficava a céu aberto, embaixo de uma árvore de óleo, sentado em um banquinho com o dicionário numa extremidade da via, enquanto outro colega, na outra extremidade.

E esse colega me pedira certa vez para que eu o ensinasse inglês, então eu utilizava o rádio para ensinar as frases necessárias para nossa comunicação. Por

exemplo: “fala Johnny, qual foi o último”, e eu replicava “what’s the last?” e continuava, “the last one was the red gol” (car), o último foi o gol vermelho, traduzindo e como, claro tinha uma frequência, na cimentos(fábrica de cimentos em Ijaci) na hora do almoço, que era a hora da nossa dupla rendia os guardas para eles almoçarem, muita gente naquela obra punha o rádio na mesma frequência só para escutar-nos.

E assim, o tempo foi passando, foram acontecendo vários episódios que marcaram minha jornada até minha chegada a UFLA, embora, seja mais um longo capítulo nesse percurso de aprendizado autônomo, só que, com embasamento teórico necessário na formação docente, que darão suporte a minha vida profissional.